

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

6 E 7 MAR

ESPERA

SEXTA E SÁBADO ÀS 21H00

SALA PRINCIPAL; M/6

€12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A 10,50€)

DURAÇÃO: 1H40 SEM INTERVALO

EM ITALIANO LEGENDADO EM PORTUGUÊS

Composição

António Leal Moreira
Diogo Dias Melgás
Sara Ross

Libreto

Gaetano Martinelli

Direção musical

Jan Wierzbza

Direção teatral

Luca Aprea

**Direção artística,
edição e preparação
musical**

Nicholas McNair

Elenco

Assuero,

Rei da Pérsia

(mezzo-soprano):

Carolina Figueiredo

Ester, Rainha

(soprano):

Patrycja Gabrel

Aman, Primeiro-

Ministro (tenor):

Pedro Cachado

Mardoqueu,

Tio da Rainha (alto):

Manuel Brás da Costa

Harbona, Confidente

do Rei (soprano):

Rita Marques

Athach, Eunuco

da Rainha (tenor):

Pedro Matos

**Coro do Estúdio
de Ópera da
Escola Superior de
Música de Lisboa**

Carolina Luís
Claire Santos
Inês Lopes
Carolina Sá
Rita Machado
Jéssica Sá
Nathanael Júnior
Pedro Louzeiro
Rui Bórras
Tiago Gomes

Solistas:

Ana Sofia Ventura
Ana Margarida Pinheiro
Joana Esteves
Pedro Matos

Direção do coro:

Clara Alcobia Coelho

**Orquestra do
Estúdio de Ópera
da Escola Superior
de Música de Lisboa****Violino I:**

Daniel Bolito
(concertino)
Lyza Valdman
Ana Teresa Oliveira
Abel Balazs

Violino II:

Catarina Afonso
Catarina Barreiros
Ana Sousa

Viola:

Amadeu Resende
Sérgio Sousa

Violoncelo:

Catarina Koppitz
Lisa Albinger

Contrabaixo:

Carlota Ramos

Flauta I:

Dina Hernandez

Flauta II:

Tiago Canto

Oboé I:

Lívio Dias

Oboé II:

Rui Gonçalves

Fagote I:

Filipe Tomás

Fagote II:

João Vieira

Trompa I:

Paula Midão

Trompa II:

Filipa Salazar

Trompete I:

Micael Pereira

Trompete II:

João Carreiras

Cravo:

Prof. Joana Bagulho

Espaço cénico

Luca Aprea
Stefano Riva

Figurinos

José António
Tenente

**Desenho de luz e
direção técnica**

Miguel Cruz

Tradução

João Paulo Esteves
da Silva

Produção executiva

Sofia Ventura
Ana do Rosário
de Bragança

**Assistente de
encenação**

Jesus Manuel

**Assistência de
produção**

Sara Ross

**Construção
cenográfica**

José Manuel
Carrasco Galamba

Apoio

Teatro Nacional
de São Carlos
e Teatro Nacional
D. Maria II e Antena 2

Agradecimentos

Orquestra Sinfónica
Juvenil, João Paulo
Esteves da Silva e
TDRV Tecnologias
de Revestimentos

Co-produção

Escola Superior de
Música de Lisboa/
IPL e São Luiz
Teatro Municipal

No espírito carnavalesco da Festa de Purim, a comunidade abre o Livro dourado de Ester, para viver mais uma vez a história-ritual da eliminação do Mal, na pessoa do Aman. Nesta história de vingança, Ester é a rainha escolhida pelo Rei Assuero sem saber que a mesma é judia. Ao longo da peça o povo de Israel canta a *Lamentação de Jeremias*.

Ester segue a linha do primeiro projecto do Estúdio de Ópera, *Páris e Helena* de Gluck (apresentado no Teatro São Luiz em Setembro de 2012), ao envolver um coro activo ao longo da peça. No início da oratória de *Ester* o libreto de Gaetano Martinelli pede um “coro do povo da Israel”, mas na partitura original de António Leal Moreira (1758-1819) esses coros são atribuídos aos solistas.

Com o desejo de manter um coro ao longo da obra surgiu a ideia de juntar música de outros séculos, mais especificamente uma obra-prima da Escola de Música da Sé de Évora – *A Lamentação da Quinta Feira* do compositor Diogo Dias Melgás (1648-1700), cujo texto provém precisamente do “povo de Israel” e que aparece aqui repartido em 11 pequenas secções. A isto se junta um toque inesperado – o dos “Alentos” da jovem compositora Sara Ross.

Alentos (faculdade ou força precisa para respirar; ar expirado; bafo; hálito; respiração; fôlego) são breves reflexos musicais inseridos na narrativa e concebidos como um gesto de amplificação dos estados de alma consequentes da acção do livro em cena. Tratam-se de abstracções sem tempo transmitidas por identidades individuais que habitam o colectivo presente, reveladas através de símbolos musicais recriados a partir da cantilação hebraica. Não é intenção, portanto, adicionar mais à narrativa, mas sim criar espaços onde esta possa entrar em si própria. Sara Ross

ESTÚDIO DE ÓPERA DA ESML

Com a direcção artística de Nicholas McNair, o Estúdio de Ópera da ESML é um espaço criativo onde alunos e profissionais se encontram e partilham, de forma inovadora, a criação de projectos nas áreas de música, teatro e artes performativas. Novas correntes teatrais e técnicas de improvisação podem contribuir a revitalizar aspectos da ópera que, com o desgaste do repertório tradicional, tendem a tornar-se menos apelativos. Ao mesmo tempo, um cuidadoso trabalho de investigação pode trazer à luz surpresas do passado, tradições de interpretação que se perderam e peças que merecem uma nova abordagem.

ESTER

PRIMEIRA PARTE

1. Introdução

Mardoqueu no meio dum grupo de israelitas, que exprimem os seus votos com o seguinte

2. Coro

Ó Eterno Deus de Abraão,
Supremo Criador:
Humildes te suplicamos
Por nosso erro piedade.
Não lumbres, Senhor,
As nossas iniquidades.
Grã Deus, tem piedade de nós:
Se tu nos quiseses salvar
Quem jamais ao teu querer
Resistir poderá?
Deus demonstra agora
A imensa tua bondade.

2R.

Mardoqueu

Ah que massacre cruel, que matança horrenda
Se prepara agora para ti
Ó desolada, ó aflita
Filha de Sião! Já há algum tempo
Do Tigre do Eufrates
Nas margens choraste, cativa,
Os danos da tua pátria, e a remota
Ausência tormentosa
Da tua dileta (para sempre impressa
No fundo do coração) Terra prometida!

3. Recitativo acompanhado

Mardoqueu

Mas quão mais de dor os teus soluços
Hoje nas margens do mar Cáspio são dignos!
Ó inevitável signo!
Ó bárbara sentença! Ah filhos amados
Estamos já prestes a morrer.

.L1. Coro Começa a lamentação do profeta Jeremias

Fechadas as vias
estão às fervorosas súplicas,

Às nossos queixas. Em vão conforto
De nós se espera, e só
Nos resta, o pranto...Ah o pranto amargo
A caso tão cruel não dá reparo.

4. Coro

*[Grã Deus, tem piedade de nós:
Se tu nos quiseses salvar
Quem jamais ao teu querer
Resistir poderá?]*

4R. Athach, e o mesmo

Athach

Só um instante em calma
Põe o teu afã, ó Mardoqueu...

Mardoqueu

Já de volta
Tão cedo, Athach?

Athach

Escuta-me
Agora, por favor, Senhor. A minha rainha
Ester a ti de novo
Solícito me envia...

Mardoqueu

Recusa-se a ir
Talvez perante o Rei, com suas preces
Do terrível massacre
Livrar-me? Ter-lhe-ás
Explicado as minhas razões? Que nunca espere
(Tão cruelmente extinto, acontecerá, que hoje
fique o eleito povo de Israel)
Do ímpio Aman a ira esquivar? Se não for
Com passo franco, e alto
Pisar o real sólio de Assuero?

Athach

Todos, ó Senhor, teus conselhos expus
À Augusta Rainha; e aquele temor
(De que a inviolável lei
Do império Persa
Teria de transgredir, pela qual se veta
A qualquer pessoa, se o Rei não a chama,
O acesso ao Real Aposento)
Ela venceu, logo que viu no céu
Acenderem-se as luzes. Então me disse:
Depressa, vai ter com Mardoqueu, e
Diz-lhe, que reúna todos os fieis
Seguidores de Moisés: que votos ao Céu
Façam por mim: [que durante três dias
A rígida abstinência observe cada um:
Que tendo implorado um oportuno
Raio do Céu,] com pé tremente,
Mas alma constante, ainda que não forte
Irei de encontra o perigo, e contra a morte.

Mardoqueu, e o povo Israelita

Mardoqueu

Eterno Deus, tu no seio
Reaviva-nos a esperança. Andai, irmãos:
Ah com ferventes votos
Ao Rei, de Rei se implora
Clemência e piedade: que a nós se mostre
Pai amoroso, agora que feras angústias
Nos oprimem, e magoam:
Que do povo de Abrãao se lembre agora.

5. Coro

É verdade: que te foi infiel
O povo de Israel:
Mas hoje a ti Senhor,
Repeso de todo o error
Pede perdão, piedade.

6. Recitativo acompanhado e Ária

Mardoqueu só

Tu que conheces o meu coração
Ó sumo Bem tu sabes
Se foi por orgulho, ou vã
Ambição de glória, que neguei com firmeza
Ao ímpio Aman a minha
Adoração. Ah, pela salvação
Do teu povo, Senhor, humilde, e baixo,
Em cada nova Aurora,
Teria beijado de novo as suas vestes.
*[Não, meu Deus, foi temor
De dever, aquela honra
A ti somente devida,
Prestar a um mortal como tributo.
Deus supremo Senhor, grão Rei do Céu
Piedoso ora defende-nos
De tão ferozes inimigos.]*
Ah, não seja jamais,
Que ameaçados por eles, devamos sofrer
A fera e estrema ruína.
As preces
Escuta, ó Eterno Deus,
Daquele povo aflito,
Que livre tiraste um dia do Egípto.

Em ti confia e espera
Meu peito duvidoso,
Ó Eterno Deus piedoso,
Nascente da verdade.
Muda em prazer a fera
Angústia que nos oprime;
Onde louvar sublime
Terá a tua piedade.

6R Aman e Harbona

Harbona

Qual herói da Pérsia
Te venero, Senhor. Prostrado por terra
O teu favor imploro,
E benéfico Nume humilde te adoro.

L2. Coro Aleph

Aman

Levanta-te, Harbona.

Harbona

Obedecer à tua vontade
É minha lei.

Aman

São sempre bem aceites
As tuas reverências .

Harbona

Fazes-me feliz. (Odeio-o)

Aman

Ainda monta guarda ao real sólio
O audaz Mardoqueu?

Harbona

Triste e confuso
Agora o vi
Cobrir-se de cinzas;
Rasgar as vestes; e furioso
Vagar pela cidade.

Aman

Pérfido! Eu quero
Que do seu orgulho me pague a conta
Todo o povo Hebreu.

Harbona

E obstinado atribuis então
A este o erro de Mardoqueu?

Aman

De Mardoqueu o erro
Fere o meu coração demasiado; e quero todo
Este povo Hebreu junto com ele destruído.

Assuero e os mesmos

Assuero

Querido Aman, que motivo
De novo a ti me traz, ora que o Sol
Está quase a declinar?

Aman

Monarca Excelso,
Nestes fólhos (e em vários
Caracteres, e linguagens)
Tens aqui expressa a tua
Irrevocável lei,
Que aos Sátrapas do reino
Hoje de minha parte se envia, onde o audaz

Povo de Israel
A morrer se condena. Se o meu conselho
Te agrada seguir, o tributo anual,
Que ora deste se tira, quero que, desde já
oferecidos,
Dez mil talentos
De mim obtenha cada ano
O Erário Régio, em compensação pelo dano.

Assuero

(Ó zelo! ó fidelidade!) Meu sinete dourado
Recebe de mim agora: Seja isto um sinal
De que o meu poder sublima a ti concedo.
Que o ouro que me ofereces, ah, seja só teu: tão
avaro
Não é o coração de Assuero. Do povo réu,
Que até agora nas minhas vastas regiões
Erra disperso, a teu prazer dispõe.

L3. Coro *Ah como está só
a cidade há pouco cheia de gente.*

Aman

Oh magnânimo rei! A destra, ah deixa
Que humilde te beije.

Aman

(Oh como o coração perverso
Sabe ele bem esconder dentro do peito!)

Aman

(Agora minhas iras, podereis tomar o freio nos dentes.)

7. Aria

Aman

Da virtude amigo
Sempre será o meu coração,
Com a qual terá valor
Para prevenir enganar.
(Já não me vou cansar
a reter minha ira:
Para uma cruel vingança
Está agora tudo em meu poder)

7R. *Assuero, Harbona, depois Ester
escotada por duas servas.*

Assuero

Que doce encanto em minha alma produz
O falar de Aman!...Mas que vejo eu?...

Ester

(Eterno Deus, que só tu
és nosso rei; a tua
Piedosa mão imploro. Ah, dirige-me;
Assiste-me, Senhor: Tu percebes perfeitamente
O perigo em que estou;
Ah, de um raio teu te peço agora o dom.)

Assuero

Ah como,
Sem minha autorização, nesta
Sacra entre as demais câmara real
Ousas apresentar-te?

Ester

(Ai de mim!) Por favor,
Almo Senhor...

8. Recitativo acompanhado

Assuero

A ira, e o meu desdém
Temes tão pouco?

Ester

Eu venho menos...Ó Deus!

Harbona

(Desventurada rainha! Agora se apercebe,
Que ao avançar seus pés por estas portas
Duma lei prescrita é ré de morte.)

Assuero

Mas que dor súbita
Lhe oprime assim os sentidos! Ah minha
Adorada rainha, ah não, desdenhoso
De ti não sou: fica segura: As tuas
Luzes destapa...

L4. Coro

*Está como uma viúva,
a grande entre as nações
ainda há pouco senhora entre as províncias*

Ester

Ai de mim!...Senhor...se sou
Digna do teu perdão...Ó Deus!...

Assuero

Fala:
Que me queres? Se desejares
Que contigo divida agora o meu reino
A maior parte ceder-te quero.

8R.

Ester

Generoso Senhor, tanto não peço,
Nem de ambição se alimenta
O meu livre coração. Só desejo, e imploro,
Que te dignes, ó grande rei, no futuro
Honrares a minha mesa...

Assuero

Bela rainha,
O teu convite aceito.

Ester

Que venha contigo também Aman.

Assuero

Sim, prometo-te.

Ester

A ti, Senhor, patentes
Meus queres a ti farei...

Assuero

Ouvi.

9. Aria**Assuero**

Tais afectos num instante
Sinto crescer no meu seio!
Ah brilha naquele semblante
A beleza, a honestidade.
Se ainda, com desdém os deuses
Me tornassem mendigo;
Naquele coração acharia
Minha grande felicidade.

10. Recitativo acompanhado e Ária**Ester**

Do meu grave perigo
Liberta enfim me vejo. Oh Eterna Mente
Adoro o teu poder. Naquele ponto,
Em que vencida pelo temor, acreditei ser
O extremo instante da minha vida,
De um rei mudas o coração para dar-me ajuda.
Admirável Deus de Abraão, seja este um sinal
De esperança para nós. Deus, que jamais
aconteça
Que em mão o ceptro teu passe dos ímpios
Inimigos do teu nome
Que o intentam destruir. Os nossos votos
Escuta; e no meu coração
Em perfeito prazer muda o temor.

Do eterno céu das esferas
Desce, ó raio de imenso prazer;
Muda em luz o horror, que nos empece,
Mostra-nos da paz a via.
Todo temor do coração retira,
Sumo Nume, dum povo oprimido,
Que detesta contrito qualquer excesso,
Que se humilha perante a tua santa vontade.

10R. Mardoqueu e Harbona**Harbona**

Inevitável sempre, ó Mardoqueu
A a tua ruína eu previa... o Fazedor
Das desgraças és tu somente.

Mardoqueu

Condenar-me não deves,
Senhor pela aparência.

Harbona

O real mando,
Altivo, e pertinaz,
Não recusaste, acaso, obedecer?
Porventura não viste,
Quando Aman apareceu, como cada um
Posto por terra, qual Nume
O adorou? Se orgulho
Teu não é, diz-nos, explica porque
Não imitaste a empresa?

Mardoqueu

Para evitar ofender o Deus de Abraão.
A ele desejo eu temer;
Só a ele, verdadeiro e único Deus, eu adoro;
E mil vezes ainda
Quero do ímpio Aman ficar oprimido
Do que ofender o meu Deus com tal excesso.

Aman e os mesmos

Aman

Harbona?

Harbona

Almo Senhor.

Aman

Levanta-te. A minha
Excelsa glória, o grau,
Do monarca o favor, são justos objectos
Onde alegre o meu coração...(Mas que vejo eu?
Ó petulância! Sentado
Vejo ali Mardoqueu! Pérfido; olhares
Audazes em mim fixa!...Nem na minha presença
Se ergue e se humilha?)

Harbona

(E então, que fazes? Não vês
Que Aman te observa?)

Mardoqueu

(Vejo).

Harbona

(E não te levantas?
E não te humilhas ainda?)

Mardoqueu

(Só o Deus de Abraão é por mim adorado.)

L4 b. Coro É submetida a tributo.**Mardoqueu**

Segue-me Harbona. (No seio
Vingador a minha ira fique sepulta.)
Volte-se para outro lado...) Que um infeliz
Perverso israelita tenha a coragem
De ao meu coração e contentamento
Assim amargar!... Não: tal glória
Na futura aurora
Saberei tirar-lhe. Quero que morra.

L5. Coro Beth

11. Recitativo acompanhado e Ária

Mardoqueu só

Ímpio idólatra, e ainda
Severo me ameaças? E que suplício,
Que cruzeza ainda maior
Poderás imaginar, bárbaro coração?
Oh Eterno Deus, piedade. Coragem imploro,
Onde resistir possa
A imagens tão feras...Ai de mim, no rosto
Dos meus irmãos percebo
A angústia e o terror. Os amargos prantos
Oíço de cada um, e me parece,
Que já uma horrível morte
Em nossa volta gira:
Que de trevas, ó Deus! Se cubra o dia.

Ah gelar-me sinto o coração
Com o aspecto feroz da morte:
Já me enche de terror
Um massacre tão cruel!
De quem morre e de quem sofre
Oíço os magoados lamentos!
Já me parece ver exangue
Todo o povo de Israel.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

L6. Coro *Ela chora amargamente na noite* *As lágrimas escorrem-lhe pelas faces*

SEGUNDA PARTE

11R. Assuero e Harbona

Harbona

Por teu mando, Senhor, foi escrito neste
Memorial a história
do aviso sagaz do fiel Mardoqueu,
Pelo qual a repugnante insídia
Se fez patente
De Bagathan, e Thares.

Assuero

E qual foi
Por tão perfeita fé,
A gratidão que de mim teve, o prémio, e a
mercê?

Harbona

Nenhuma, Senhor.

Assuero

(Que oiço!) Olá? Cá vem
O meu sagaz Aman.

Harbona

Aqui perto o vi,
Clamando por se apresentar
A ti ou contra a sorte.
(Mas só para dar a Mardoqueu a morte.)

Aman e os mesmos

Aman

Monarca excelso...

Assuero

Amigo: A um homem, a quem
O rei quer mostrar-se grato, e a quem de honras
Deseja cobrir,
Reclamo, o que deva fazer,
Saber de ti.

Aman

Senhor,
O meu conselho sábio
Te farei patente. (sou mesmo sábio)
Cingido de augustas prendas, ornada a cabeça
Com o Diadema Real; ao seu Soberano
Erguido sobre o estribo deve mostrar-se
Entre os Sátrapas do reino,
O maior, o mais digno guiando o freio,
Perante ele, em alta voz, e clara
Exclamará dizendo: Deste modo,
De tanta honra bem digno,
Do rei se honra um seu fiel sustento.

Assuero

Então que seja: e a minha
Purpúrea veste toma: Apresento-te
Distinto o meu estribo. Aquilo que dissente
Seja sem demora
Executado por ti...

Aman

Mas quem poderá jamais ser
O digno herói...

Assuero

Apressa-te
Uma honra assim grande para Mardoqueu se
espera.

12. Recitativo acompanhado e Ária

Aman só

Que oiço, ai de mim! Que ordem
Sou forçado a obedecer! Tão estranho amor
Jamais antes aceso no coração de Assuero
A favor do meu mais feroz
E patente inimigo? E eu...Que lamentável!
Do seu triunfo, eu mesmo... ó fera inveja,
Malgrado o meu querer sou o promotor!
Ah em meus lábios então, bárbaros deuses,
Porque é que a fala não me impedistes
Porque não me privastes
Da luz do dia! Para me engolir
Porque é que o solo não se abre? Do céu irado
Porque é que um raio repentino
Não cai a fulminar-me? Oh ânsia!
Oh pena! Oh fero e insofrível tormento!
Ai de mim!...Já sinto, ai, que ira, vingança,
Desdém, raiva, furor,
Deste meu ímpio coração
Têm horrível governo;
Que no meu seio se ajunta todo o inferno.

Odeio os raios do dia
O sol, que me sustenta,
O Céu o mar, a areias,
Os próprios numes até.
No vórtice profundo,
Tão furibundo agora
Que se dissolva o mundo
É só o que pede este coração.

L7a. Coro *Ninguém obtém consolo
entre aqueles que a amavam
todos os seus amigos a traíram*

13. Recitativo acompanhado e Ária

*Harbona seguido pelos seus companheiros
ministros.*

Harbona

Já no alto do palácio o som festivo
Da harmonia se escuta, onde já posta
Se anuncia estar a mesa. Que cada um de nós
De afazeres servis
Se repouse, ó amigos.

*[Eu aqui só quero os eventos felizes
De Mardoqueu espíar. Do seu triunfo
Não falta muito que regresse; e qual Guarda
Deste régio ingresso
carregado de honras voltará para casa.]*
Quero agora penetrar o coração
Do ímpio Aman. Oh, como deve
Estar confuso, oprimido e aviltado
Com o feliz sucesso
Do seu rival odioso!
Louco é aquele que espera
Das insídias retirar a sua perfeita
Felicidade. Muitas vezes
Enquanto se persuade que caminha
Com passo franco na sua vida
Cai preso nas suas próprias armadilhas.

Na sorte mais serena
É loucura duma alma altiva
Que espere da culpa
Obter felicidade.
Da fraude, e do engano
Terá sempre afã e pena;
E a cada hora o seu tirano
Em si mesma encontrará.

13 R Mardoqueu e o mesmo

Mardoqueu

Oh Sapiência infinita! Oh Eterno Deus,
Que és do universo
Supremo criador; com que esperança
Me confortas o coração! Com que manto
Com que diadema a cabeça, os membros agora
Me cinges, e adornas!...

Harbona

Amigo,
Deixa que ao peito te aperte. Enfim obtém
Devido prémio o teu
Zelo eficaz; e apraz-me
Do ímpio Aman opresso
Ver o insano orgulho.

Mardoqueu

E no entanto há pouco
Tu o adoraste.

Harbona

E verdade: foi meu dever
Obedecer à lei.

Mardoqueu

Prostrado a seus pés,
Graças, favor, mercê
Te ouvi dele suplicar.

Harbona

E daí?

Mardoqueu

Parece
Que aninhas no peito um duplo coração...

Harbona

Enganas-te
Culpado é quem guarda
Amizade aos tiranos. A cada instante
Teme-se o seu poder;
Com a razão se geme: O justo, o forte
Sem mérito vê-se penar perante
Um ímpio coração, uma alma vil; os corajosos
Vão adulando neles somente os próprios vícios
Onde esperam um dia vê-los oprimidos.

14. Recitativo acompanhado e Ária

Mardoqueu só

Ao povo de Israel, se bem que eu seja
Hoje elevado a uma tão grande honra,
Ainda não foi até agora revogado o decreto
De seu extermínio cruel.

L7b. Coro *Todos os seus amigos a traíram*

Vós, Deus, sobre os lábios
De Ester, inspirai agora oportunos
E também eficazes dizeres, Senhor:
Enchei de piedade o coração de Assuero.
Ah sim, meu Deus, eu o espero. Cá dentro
Sinto um mover repentino
Que me enche de alegria! Ah que contraste,
Que estranha é esta espécie
De afã e de prazer! Entre mil dúvidas
Aqui espero o meu destino; Mas sinto no
entanto
Nos meus olhos secarem-se as lágrimas.

Entre tantos severos
Maus pensamentos
Sinto agora a calma
Que torna ao meu peito;
Que o anima
Com um doce prazer.
Oh Eterno meu Deus!
Esta alma repousa
Em vosso poder.

14R. Assuero, Ester e Aman

Assuero

Ester, a ti devo este não leve
Prazer, que gozo. Agora
Aquilo que desejas de mim, sem hesitar,
Claramente me expõe.

Ester

Ah meu
Justo e temido rei, meu augusto esposo,
Se acaso aos teus olhos
Posso achar graça, ai, concede-me
Ai, salva-me a vida...

Assuero

Ester, que dizes?

Ester

Bem como a dos infelizes
Aflitos meus irmãos.

Aman

(Ai de mim)

Assuero

Mais claramente
Revela-me o teu coração, Rainha.

Ester

Que à tua ideia
A piedade se mostre agora: eu sou hebreia.

Aman

(Mas que arcano aqui se revela!)

Ester

Uma ímpia morte
Paira sobre nós, ó Senhor. Se bem que fiel
Tenha sempre sido
Este teu desventurado
Povo de Israel
Cativo; hoje mesmo
O mais bárbaro coração, no feroz massacre
Pertinaz, e indefeso,
Sem piedade quer vê-lo esmagado.

Assuero

E quem será aquele
Quem tão bárbara matança
Tenta executar?

Ester

O audaz Aman é o ímpio.

Aman

(Pobre de mim!)

15. Recitativo acompanhado

Ester

Sim; nem pior inimigo
Nem atroz crueldade de alma criminosa
Não houve, nem sofreu a gente Hebreia.

Assuero

(Pérfido)

Aman

(Ai de mim, infeliz!)

Assuero

(O seu delito
Está escrito no seu rosto) Alma ingrata,
Não ousas olhar para mim?
Vacilas com horror? Estás confundido?
Defende-te, infiel, fala, responde.

16. Ária

Assuero

Pérfido! Ah que furor
Sinto despertar no peito!
Ah não resistes o coração
Os passos voltam-se a outra parte.
Do teu falaz aspecto
Com meu rubor me escondo...
Ah que só o engano, e o dolo
Em ti encontro.

16R Ester e Aman

Aman

Oh demasiado acerba, e dura
Impensada desventura! Ai de mim...Vacilo
Do meu estado infeliz
Ao aspecto cruel!...

Ester

Ímpio, que pensas? Para longe
Doravante guia os teus passos.

Aman

Ah minha rainha
Piedade...

Ester

Piedade esperas?
Pedes-me piedade?... Parte.

Aman

Ah, deixa
Que um humilde beijo imprima
Sobre a tua mão...

Ester

Para trás, atrevido. E chega
A este extremo
A tua ousadia?

Assuero, Harbona e os mesmos

Assuero

Que tentas, indigno?
Quanto furor! Quanta violência!

Aman

(Ai de mim, não aguento!)

Assuero

Na minha própria casa,
Diante dos meus olhos, ousas, soberbo,
Insultar a Rainha?

Aman

(Já não tenho esperança...
Falta-me o coração...demaiss
Irado é o céu contra mim! Estou desesperado.

L8. Coro. E tornaram-se seus inimigos

[Assuero, Ester, e Harbona

Assuero

*Dos meus olhos se esconde
Confuso o traidor! Vai; que o teu serviço
Harbona seja levar o ímpio
Agora a morrer.*

Harbona

*Senhor, tu ignoras,
Que já no próprio albergue
Um patíbulo infame
Ele mandou erguer
Para o massacre cruel de Madoqueu.*

Ester

*Bárbaro!
Assuero
Oh coração atrevido!
Na sua maior dor
A morte que inventou quero que sofra.*

Assuero e Ester

Ester

*(Oh fonte de todo o bem! Oh Eterna Mente,
Terror do rei: dos Justos
Alívio, e defensor! De bela esperança
Que face é esta que no peito me acendes?)*

Assuero

*Ester, em que pensas? Quero aceder
A todos os teus desejos.
Do ímpio, e infame Aman, seja qual for
O tesouro que agora entrega ao trono
Neste mesmo instante to concedo em dom.]*

L9. Coro Jerusalém, Jerusalém, volta novamente ao Senhor teu Deus

Ester

Ah deixa, que a teus pés
A única graça implore, onde meu coração
Possa viver tranquilo.

Assuero

*[Ah minha Rainha,
O que de mim pretendes
Simplesmente diz.]*

Ester

Suspende
Do fero Aman com intento de nos massacrar
Os efeitos criminosos da sua cruel empresa.

Assuero

Sim, não temas: Salvo por ti
O povo de Abraão será.

Ester

*[Oh Eterno Deus
Que assalto de prazer! Te bendigo,
Louvo-te, ó rei do céu, humilde te adoro:
Ah, quem será aquele que entre os viventes
Agora ignore o Autor de tais portentos?]*

17. Aria

Ester

De alegria e contentamento
Sinto, ter o peito cheio,
E o prazer que sinto,
Meu Deus, me vem de ti.
Como louvar plenamente
Teu nome posso eu?...
Mas tu, meu coração
Vê tu, Senhor, qual é.

17R. *Harbon, depois Mardoqueu e os mesmos.*

[Assuero

Que novas trazes, Harbona?

Harbona

*O teu mando, Senhor,
No ímpio Aman, que morre,
Já foi executado; mas antes quero
Este sinete real que te trago
Entregá-lo em mão.*

Assuero

Sábio pensamento.

Harbona

*Aqui perto,
de poder humilhar-se a teus pés
Espera Mardoqueu tua permissão.*

Assuero

*Eh lá, guardas, que a passagem
A um coração tão fiel nunca se impeça.*

Ester

*A um tão feliz sucesso
Não há prazer que baste!*

Mardoqueu

Monarca excelso...

Assuero

*Ah vem, fiel amigo,
Vem ao meu peito.*

Mardoqueu

*Senhor,
Não mereça tanta honra um teu pobre
E oprimido israelita.]*

Assuero

*A ti devo a vida; e o teu zelo
Merece da minha parte maiores
Honras, e dignidades; assim te elejo
Dos meus vastos reinos
O administrador; e doravante
Deponho na tua invicta mão
Toda a minha autoridade real.*

Mardoqueu

*[Oh admirável fé! Ó santa esperança,
Alimento e sustento*

*Do coração fiel; Ministros
Do divino favor! Ah sim, por vós
Liberto de todo o temor
É o povo de Israel!]
Grande Deus de Abraão,
Se finalmente com tantos
Admiráveis prodígios
Tu nos salvaste, ah levanta
As nossas dúvidas vãs; e em nosso coração
Conserva acesa honra de santo amor.*

18. Coro

Coro

*Louvo-te grande Deus de Abraão,
Que de um massacre cruel
O teu povo de Israel
Livraste neste dia.*

FIM

BIOGRAFIAS

JAN WIERZBA

MAESTRO

Natural da Polónia e educado no Porto, Jan Wierzba tem-se destacado como um dos mais promissores directores de orquestra da actualidade musical portuguesa. Ainda em 2015, estreiar-se-á com a Orquestra Gulbenkian, Manchester Camerata e os Solistas da Orquestra Metropolitana. Servirá como Maestro Assistente a Joana Carneiro (Orquestra Sinfónica Portuguesa), Jac van Steen (RNCM Symphony Orchestra), Sir Andrew Davis (*2ª Sinfonia de Mahler*, Royal Liverpool Philharmonic Orchestra), e Juanjo Mena (*Fidelio* de Beethoven). Foi um dos semi-finalistas no Concurso de Direcção de Orquestra Georg Solti, que decorreu em Fevereiro 2015 em Frankfurt. Foi assistente de Christian Lindberg e Vassily Petrenko (Royal Liverpool Philharmonic Orchestra), Joana Carneiro (Estágio Gulbenkian para Orquestra), Maestro assistente convidado da Orquestra de Câmara Portuguesa (2012 – 2013), e um dos assistentes de Krystjan Jarvi (Baltic Youth Philharmonic). É um dos fundadores e director musical do Ensemble MPMP, agrupamento com o qual tem trabalhado para promover o património musical português de todas as épocas. De entre os agrupamentos que teve oportunidade de dirigir em diversos contextos destacam-se a Orquestra Gulbenkian, Statskapelle Weimar, Remix Ensemble, Filarmónica de Jena, Orquestra Sinfónica de Karlove Vary, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Clássica do Sul, Parnu City Orchestra, Orquestra Sinfónica de Jovens da Estónia, Estágio Gulbenkian para Orquestra, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Orquestra de Câmara Portuguesa, entre outros. Enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, é mestrando na Royal Northern College of Music (RNCM), onde estuda com Clark Rundell e Mark Heron. Actualmente estuda com Nicolas Pasquet (direcção de orquestra) e Markus Frank (direcção de ópera) na Franz Liszt Hochschule für Musik, em Weimar, ao abrigo do programa ERASMUS. Licenciou-se em direcção de orquestra pela Academia Nacional Superior de Orquestra sob a tutoria do Maestro Jean Marc Burfin, tendo antes iniciado

os estudos com Marc Tardue e Jean Sebastien Béreau. Participou em várias *masterclasses* com personalidades de renome, tal como Neeme Jarvi, Leonid Grin, Johannes Schlaefli, Jorma Panula, Juanjo Mena, Mark Stringer, Nicolas Pasquet, Sir Mark Elder e Paavo Jarvi. Licenciado em Piano pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo em 2009, no Porto, na classe de Constantin Sandu apresentou-se enquanto solista com orquestra, em recital e música de câmara. Foi vencedor do 1º Prémio em Música de Câmara do Prémio Jovens Músicos em 2006, é detentor do prémio do Rotary Club da Foz atribuído a 3 dos melhores licenciados da ESMAE, tendo-lhe sido atribuída a bolsa da Yamaha Music Foundation for Europe após provas públicas em 2005.

SARA ROSS

COMPOSITORA

Sara Ross (n. 1989) nasceu na Ilha de São Miguel, Açores, tendo iniciado os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada. De 2007 a 2010 frequentou o curso de Digital Music Creation na Teesside University em Middlesbrough, Inglaterra, sob orientação de Sebastián Castagna. Enquanto aluna nesta instituição foi contemplada com Melhor Peça Portuguesa (Menção Honrosa) no 10º Concurso de Música Electroacústica da Miso Music, sendo-lhe no mesmo ano atribuída uma bolsa de participação no Encontro Visiones Sonoras em Morelia, México, na presença de compositores como Alejandro Viñao, João Pedro Oliveira, Mario Lavista, entre outros. Com o propósito de redireccionar os seus estudos, entre 2011 e 2014, licenciou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, tendo como principais tutores Luís Tinoco, Carlos Caires, e António Pinho Vargas, tendo ainda breve orientação de Marc-André Dalbavie, convidado para um *workshop* de escrita para voz e orquestra. Ainda em 2014 é seleccionada para a Mostra Nacional de Jovens Criadores, pelo CPAI, com a peça *Confirmações*. Actualmente, para além de composição e arranjos para agrupamentos, a sua actividade tem passado por vários projectos como o Ensemble Juvenil de Setúbal – um projecto musical e socialmente inclusivo com quem colabora como compositora –, o Estúdio de Ópera da ESML, e ainda criação multi-disciplinar com dança contemporânea e de onde tem desenvolvido o interesse

por uma abordagem mais teatral e coreográfica em relação à *performance* musical.

PATRYCJA GABREL

ESTER

SOPRANO

Patrycja Gabrel iniciou a sua educação musical aos sete anos de idade, tendo integrado aos onze na Schola Cantorum Bialostociensis, um dos melhores coros femininos da Polónia. Diplomou-se em Canto pelo Conservatório de Música Fryderyk Chopin em Varsóvia, e prosseguiu a sua formação na Escuela Superior Reina Sofia em Madrid, sob orientação do professor Tom Krause, tendo ainda tido oportunidade de estudar com Reri Grist, Tereza Berganza, Charles Kellis e Anita Garanca. Bolseira do Ministério da Cultura Polaco e da Escuela Superior Reina Sofia, foi vencedora do prémio “Melhor Jovem Músico da Catedra de Canto Alfredo Krause” e do prémio da Rádio Polónia Antena Dois da competição “Arte da Canção Contemporânea”. Actuou nos principais palcos da Polónia, como o Teatro de Ópera de Varsóvia e a Filarmonia de Varsóvia, e noutros palcos de países europeus. Participou em vários Festivais – como Festival d’Aix-en-Provence, Flagey Brahms Festival em Bruxelas, Witold Lutoslawski Festival. Em Portugal, estreou-se em Março de 2011 no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, representando o papel de Solveig na *Suite Peer Gynt* de Edward Grieg, com a Orquestra Gulbenkian.

CAROLINA FIGUEIREDO

ASSUERO

MEZZO-SOPRANO

Formou-se em Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa em 2005, na classe de Filomena Amaro. Trabalha hoje regularmente com Manuela de Sá, e em âmbito de *masterclass*, igualmente com Susan Waters e Lucia Mazzaria. Depois de um percurso de 15 anos como membro/solista do Coro Gulbenkian, teve a oportunidade de cantar a solo diversas obras de Oratória, de Charpentier, Haendel, Vivaldi, Mozart, Haydn, Beethoven, Franck e Mendelssohn. No âmbito de compositores portugueses, participou nas estreias modernas e gravações de diversas obras, sob a direcção

de Cesário Costa, João Vaz e João Paulo Janeiro. Apresenta-se regularmente a solo em recitais de música barroca e romântica. Trabalhou sob a direcção, entre outros, de Laurence Foster, Cristóbal Soler, Enrico Onofri, Michael Corboz, Martin André, João Paulo Santos, Massimo Mazzeo, Jorge Matta, Pedro Neves e Pedro Carneiro, em colaboração com o Coro e Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Divino Sospino, Orquestra Metropolitana, Orquestra de Câmara de Lisboa, Orquestra Clássica do Sul e Orquestra do Norte. Licenciada em Direito e com uma Pós-Graduação em Tradução (Diploma Internacional de Tradução do Chartered Institute of Linguists), Carolina Figueiredo prossegue em paralelo uma carreira na área da tradução jurídico-legal.

MANUEL BRÁS DA COSTA

MARDOQUEU

CONTRATENOR ALTO

Graduado no Royal College of Music, Londres (1995-1998), Manuel Brás da Costa apresenta-se como solista desde 1992, tendo efectuado uma série de concertos em Portugal, Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, África, Índia e Macau, sob direcção dos maestros Jorge Matta, João Paulo Santos, Leonardo de Barros, Cesário Costa, César Viana, Manuel Morais, João Paulo Janeiro; Ricardo Cangil, Kethil Haugsand, Paul Spicer, Ivan Moody, Joana Carneiro, Henrique Piloto, Nicholas Kok, Nickolay Lalov, Alberto Roque, etc. Participou em diversos festivais de música nacionais e internacionais. Ao longo da sua carreira desempenhou os papéis de Mardoqueu (*Ester* de António Leal Moreira) Teatro São Luiz 2015, Ernst (*Jerusalém* de Vasco Mendonça) Culturgest 2009/2010, Narciso (*Agrippina* de Handel) Teatro Nacional de S. Carlos 2009, Orfeo (*La Descende d’Orfée aux Enfers* de Charpentier), Reset de Vasco Mendonça; Jesuíta (espectáculo *Kaminari*), Oberon (*A Midsummer Night’s Dream* de B. Britten), Britten Theatre Londres; Endimione (*La Callisto* de Cavalli), Britten Theatre – Londres; Arsindo (*Il Trionfo d’Amore* de Francisco António de Almeida) C.C. de Belém e CCC de Aveiro; Benjamin (*Nefertiti* de José Júlio Lopes) Teatro da Trindade; Castrato (*A última Batalha*, de Fernando Augusto) Teatro Aberto; Anjo da história (*Os Dias Levantados* de António Pinho Vargas) Teatro Nacional

de S. Carlos; Verão (*O Triunfo de Inverno* de Gil Vicente) Teatro da Cornucópia; *O Inverno de 45* de Michael Deutsch – Teatro da Trindade. Tem igualmente realizado concertos a solo e integrado em *ensembles* de câmara de variados compositores (Mozart, Carlos Seixas, Vivaldi, Pergolesi, Bach) de repertório religioso (Oratórias, Missas, Te deum, Paixões, Stabat Mater, Salve Regina). O espectáculo *Amar a Terra*, onde Manuel Brás da Costa é o Cantor Solista, foi escolhido pela Unesco para representar as comemorações mundiais do planeta Terra em Novembro de 2011/2012.

PEDRO NUNES CACHADO

AMAN
TENOR

Pedro Nunes Cachado, natural da Golegã, é diplomado em canto pela Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, com classificação máxima, na classe de Ana Paula Russo. Participou em *masterclasses* de Canto e Interpretação com Izabella Kłosinska, Eytan Pessen, Lucia Mazzaria, Susan Waters, Maestro João Paulo Santos e Tom Krause. É membro do Coro Gulbenkian desde 2010. Como solista cantou *St. Nicholas* de B. Britten, Missa de Stravinsky, sob direcção de Paul McCreesh, os *Te Deum* de David Perez e António Leal Moreira (1ª audição moderna) com a orquestra Divino Sospiro na Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), *Te Deum* de António Leal Moreira (2012), António Teixeira (2013) e Jerónimo Francisco de Lima (2014) nos concertos de Ano Novo da FCG transmitido pela RTP, *Paixão Segundo São Marcos* e *Magnificat* de J.S.Bach, Saul de G.F.Handel (Jonathan), *Grande Missa em Dó Menor* (K.427) e *Missa da Coroação* (KV. 317) de W.A.Mozart, *Oratória de Natal* de C. Saint-Saëns, *Missa em Sol Maior* de Carlos Seixas no salão nobre do Teatro Nacional de São Carlos, *Weinachthistorie* (Evangelista) de H. Schütz, *Te Deum* na abertura do Festival de Música Sacra de São Roque e interpretou os papéis de Monostatos (*Die Zauberflute* de W.A.Mozart) e Le Petit Veillard (*L'Enfant et les Sortilèges* de M. Ravel), Spirto I (*Orfeo*) de C. Monteverdi com a orquestra Divino Sospiro na FCG e Aman (*Ester* by A. Leal Moreira).

RITA MARQUES

HARBONA
SOPRANO

Curso de Música pela ESML-Escola Superior de Música de Lisboa, na classe da professora Sílvia Mateus (2010-2013). Frequentou a Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa na classe da professora Larissa Savchenko. Efectuou *masterclasses* com Enza Ferrari, Yvonne Minton, Lucia Mazzaria, João Paulo Santos, Armando Vidal e Claudio Desderi. Como solista, em concerto, apresentou-se em duas estreias absolutas: *Zoey Duas Imagens Poéticas* de Nuno Figueiredo, e *Antologia de Bicharada* de C. Filipe Alves. Com a Orquestra de Sopros da ESML apresentou-se em *Four Maryland Songs* de Jack Stamp, e em *Dom Garcia* de Joly Braga Santos. Em ópera foi um pastore na ópera *Tosca* de Puccini, enfant em *L'Enfant et Les Sortilèges* de Ravel; Königin der Nacht em *Die Zauberflöte* de Mozart; as personagens Princess, Young Lady e Dame em *Lady Sarashina* de Peter Eötvös e Despina em *Così Fan Tutte* de Mozart. Em oratória, apresentou-se como Harbona em *Ester* de António Leal Moreira e como solista em *Ein Deutsches Requiem* de Brahms. Tem-se apresentado em diferentes salas de espectáculo do país como o Teatro Nacional de S. Carlos, Teatro Municipal São Luiz, e os teatros das cidades Vila Nova de Gaia, Cascais, Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço, Bombarral, Caldas da Rainha e Évora. No ano de 2012 obteve o Prémio Fernanda Correia no âmbito do Seminário Viva Verdi, em Vila Nova de Gaia. Em 2011 obteve uma Menção Honrosa no Prémio José Augusto Alegria, em Évora.

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Direcção Artística

Direcção Executiva

Aida Tavares

Programação Mais Novos

Susana Duarte

Adjunta Direcção Executiva

Margarida Pacheco

Secretariado de Direcção

Olga Santos

Direcção de Produção

Tiza Gonçalves (Directora)

Susana Duarte (Adjunta)

Mafalda Sebastião

Margarida Sousa Dias

Direcção Técnica

Hernâni Saúde (Director)

João Nunes (Adjunto)

Iluminação

Carlos Tiago

Ricardo Campos

Ricardo Joaquim

Sérgio Joaquim

Maquinistas

António Palma

Cláudio Ramos

Paulo Mira

Vasco Ferreira

Som

Nuno Saias

Ricardo Fernandes

Rui Lopes

Secretariado Técnico

Sónia Rosa

Direcção de Cena

José Calixto

Maria Távora

Marta Pedroso

Ana Cristina Lucas (Assistente)

Direcção de Comunicação

Ana Pereira (Directora)

Elsa Barão

Nuno Santos

Design Gráfico

Silva Designers

Bilheteira

Cidalina Ramos

Hugo Henriques

Soraia Amarelinho

Frente de Casa

Letras e Partituras

Coordenação

Carla Pignatelli

Inês Macedo

Assistentes de Sala

Carolina Serrão

Domingos Teixeira

Filipa Matta

Helena Malaquias

Hernâni Baptista

Inês Garcia

João Cunha

Sara Fernandes

Sara Garcia

Sofia Martins

Carlos Ramos (Assistente)

Segurança

Securitas

Limpeza

Astrolimpa